

ABA

COOPERATIVA DE BENEFICIAMENTO DE CASTANHA DOS PEQUENOS
PRODUTORES DO MÉDIO TOCANTINS (PA)
ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DE VIABILIDADE

IARA FERRAZ
CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA
MARÇO 1994

No sudeste do Estado do Pará convivem atualmente diferentes povos indígenas, comunidades de pequenos produtores rurais, extrativistas e ex-garimpeiros, em conflito permanente com o ritmo acelerado e a intensidade da exploração maciça dos recursos naturais ali abundantes. Nas duas últimas décadas verificou-se a grande invasão e a presença autoritária do capital transnacional financiados ^{de} mega-projetos - como a hidrelétrica de Tucuruí e o complexo de Carajás, ^{ao lado da} devastadora atividade das madeireiras, das empresas de mineração e metalurgia ~~(com suas empreiteiras e construtoras)~~, atreladas à expansão do grande capital e ao plano de industrialização forçada concebido para a região.

Para a grande maioria da população local, no entanto, deliberadamente excluída como mão-de-obra nesses projetos, as relações sociais e de produção de renda e trabalho estão baseadas no conflito e na disputa pela posse da terra, onde a agricultura de subsistência, a coleta e o extrativismo (coco babauçu, cupuaçu, castanha-do-Pará) são atividades econômicas ~~algumas~~ tradicionais, que garantem, ^{atualmente hoje} em ~~condições~~ ^{condições} precárias, ~~as condições básicas de vida~~ ^{da população} ~~da região~~ ^{o modo} ~~na região~~.

Cerca de 70% da produção de castanha são atualmente originários do sul e sudeste do Pará e, há ^{Pará} de meio século, são destinados à exportação sob monopólio de oligarquias regionais, através de uma rede de intermediários. Apesar da queda acentuada ocorrida na produção regional nos últimos dez anos, em decorrência dos desmatamentos em grandes proporções e das fortes pressões de obras de infra-estrutura, madeireiras, grileiros, etc. - particularmente sobre os territórios indígenas aí localizados, que concentram florestas densas - a produção de castanha nessa região é ainda muito significativa, sobretudo enquanto componente de sistemas de manejo que preservam e reproduzem ecossistemas e modos de vida específicos.

Os povos indígenas que têm o seu habitat tradicional nessa região do médio Tocantins - Xikrin, Parkatêjê, Aikewar, Parakanã e Asurini - ainda dependem, em grande medida, da comercialização da produção de castanha, dada a necessidade de aquisição de bens industrializados que se tornaram indispensáveis (é o caso, sobretudo, dos Asurini e dos Aikewar). Por outro lado, a extração da castanha permite um controle efetivo de ocupação sobre esses territórios

→ campo interdisciplinar
→ capacitação empresarial

indígenas, mesmo no caso dos Parkatêjê (os chamados Gavião, mais próximos de Marabá) que, nos últimos anos, tinham arrendado seus castanhais a terceiros ou dos Parakanã, ambos hoje dependentes, paradoxalmente, dos recursos financeiros oriundos de indenizações recebidas do Estado em troca de porções significativas de seus territórios, destruídas com a instalação de infra-estrutura aos mega-projetos.

Para fazer frente à intensidade das pressões das empresas madeireiras na zona interfluvial Tocantins-Xingu, uma das alternativas à exploração predatória da madeira-de-lei no caso dos Xikrin do Cateté é um projeto especial de manejo

Estudo já iniciado/inventário realizado

floréal

integrando a extração da castanha. De um modo geral, ainda predomina na região a vigência do arcaico sistema do "barracão", com o financiamento/aviamento da produção pelos patrões ou seus prepostos (no caso, da mesma rede do monopólio exportador, com sede em Belém), com o fornecimento de mercadorias descontadas à produção ao final da safra, impedindo que os produtores/coletores se beneficiem efetivamente desta atividade.

A partir de meados da década de 80, a experiência da Cooperativa Agro-Extrativista dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (AC) vem demonstrando o êxito desta atividade econômica tradicional, com a introdução de mudanças substantivas no sistema de relações de produção que levaram ao fim do regime do "barracão" (e do sistema de dívida com o "patrão"), em direção à ruptura do monopólio da comercialização/ exportação, passando a beneficiar os produtores (os "povos da floresta", índios e não-índios), com a extração e semi-beneficiamento descentralizado da castanha, além de gerar empregos diretos a nível local.

Com base nessa experiência e por iniciativa do Conselho Nacional dos Seringueiros, em conjunto com o Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular (CEPASP, com sede em Marabá), o Centro de Trabalho Indigenista (que assessora os Parkatêjê e os Aikewar) e o Centro Nacional para o Desenvolvimento Sustentado de Populações Tradicionais (CNPT/IBAMA) estudos preliminares vêm sendo realizados desde 1993, com o objetivo de aprofundar a discussão junto aos pequenos produtores (índios e não-índios) do sudeste do Pará, tendo em vista a constituição de uma cooperativa. Além da castanha, o processamento de outros frutos regionais (como o cupuaçu) poderá preencher o ciclo anual de operação da usina mantida pela cooperativa, em sistema de quotas dos produtores.

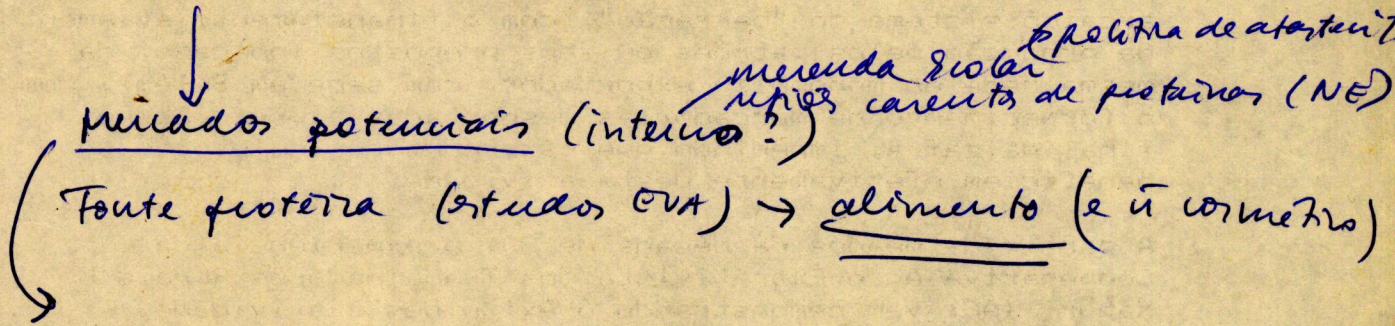
Os estudos preliminares em curso visam identificar os pequenos e médios produtores regionais que virão a formar a cooperativa, promovendo transformações no processo produtivo, desvinculando-o sobretudo da submissão à rede dos intermediários e ao monopólio da comercialização. O processo

Marabá - 8%
Tucuruí -> "ilha" -> 100.000 hl(?)
Itupiranga
S. João A.

de trabalho atualmente vigente em quase todas as regiões produtoras de castanha opera através de um regime de trabalho arcaico, semi-escravo, para corte, lavagem, transporte, medição (em geral adulterada, ou seja, um hectolitro com cerca de 120 litros de castanha) e venda da produção (muitas vezes "na folha", isto é, antecipada como forma de crédito para a obtenção das mercadorias necessárias).

OBT →

A descentralização da produção e semi-beneficiamento (primeira desidratação por aquecimento) seriam a etapa inicial do processo, até que se reúnam em Marabá as condições favoráveis à instalação de uma usina para melhoria de beneficiamento e embalagem da produção, tendo em vista a exportação direta e conseqüente ruptura do monopólio atual.



Mudança ~~micro-climática~~ ^{micro-climática} queda da castanheira re plantio?

"desenvolvimento" sustentado

francisco exteuro — atmapo
— pesquisa

"separação" (nutritiva) ainda permanece na visão geral.
→ "astuana"